



## XIV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA – CIGU

### A Gestão do Conhecimento e os Novos Modelos de Universidade

Florianópolis – Santa Catarina – Brasil  
3, 4 e 5 de dezembro de 2014.

ISBN: 978-85-68618-00-4

## ADMINISTRAÇÃO: FORMAÇÃO HUMANISTA OU ESPECIALISTA

**Ricardo Niehues Buss**

Universidade Federal do Tocantins

[ricardobuss@uft.edu.br](mailto:ricardobuss@uft.edu.br)

**Aguimaran das Neves Costa**

Universidade Federal do Tocantins

[estudentefilos@gmail.com](mailto:estudentefilos@gmail.com)

### Resumo

O mercado cada vez é mais dinâmico, necessitando de profissionais que atendam suas necessidades em tempo hábil, e com excelência de formação. É neste sentido que as instituições de ensino têm voltado seus esforços, de forma a atender esta demanda. Porém o ensino superior atual parece forçar uma especialização prematura, onde os estudantes têm que fazer escolhas para as quais podem não estar devidamente preparados. Sente-se a necessidade de uma formação fundamental, que ensine o homem a ser mais humano, que construa a forma de pensar e lhe dê uma fundamentação cosmopolita, universalista, que só pode ser transmitida através do humanismo. Somente a formação técnica não basta. O objetivo deste trabalho é analisar os princípios da formação humanística e da especialista dentro do contexto da universidade, demonstrando a importância da coexistência de ambas para a formação do administrador. A formação depende da educação do homem como pessoa, que entenda seus semelhantes e tenha uma visão crítica do mundo e criativa o suficiente para elaborar novas soluções perante as mudanças da sociedade e do mundo. A necessidade de se discutir o ensino da administração é o principal foco deste trabalho, procurando levantar pontos fundamentais sobre a formação especialista e a humanista, tentando criar uma integração de ambas para uma formação mais completa.

**Palavras-chave:** Ensino, administração, humanismo, superespecialização.

### Abstract

The market is increasingly dynamic, requiring professionals to meet your needs in a timely manner, and excellent formation. It is this sense that educational institutions have turned their efforts to meet this demand. But higher education now seems to force an early specialization, where students have to make choices for which can not be properly prepared. Do you feel the need for a basic formation that teaches man to be more human, which builds the way you think and give a rationale cosmopolitan, universalist, which can only be transmitted through humanism. Only the technical training is not enough. The objective of this study is to analyze the principles of humanistic education and specialist within the context of the university, demonstrating the importance of the coexistence of both for the formation of the administrator. The formation depends on the education of man as a person who understands his peers and has a critical view of the world and creative enough to devise new solutions before the changes in society and the world. The need to discuss the management education is

the main focus of this work, seeking to raise fundamental issues about the formation specialist and humanist, trying to create an integration of both for a more complete formation.

**Keywords:** Education, administration, humanism, overspecialization.

## 1 Introdução

O Ensino Superior atual parece forçar uma especialização prematura, onde os estudantes têm que fazer escolhas para as quais podem não estar devidamente preparados. Sente-se a necessidade de uma formação fundamental, que ensine, antes de tudo, o homem a ser mais humano, que construa a forma de pensar e lhe dê uma fundamentação cosmopolita, universalista, que só pode ser transmitida através do humanismo.

Mas essa fundamentação parece encontrar-se hoje cada vez mais fragmentada. A compartimentalização do conhecimento em ciências faz com que elas se comuniquem cada vez menos, isolando-as umas das outras. A única ciência que tem, pela sua compreensão e extensão, o poder de compreender as outras é a filosofia, por ser ela a ciência universal, afirma Tobias (1969).

Somente a formação técnica não basta. A formação depende da educação do homem como pessoa, que entenda seus semelhantes e tenha uma visão crítica do mundo e criativa o suficiente para elaborar novas soluções perante as mudanças da sociedade e do mundo.

Essa formação polivalente reflete uma mudança gradativa que vem ocorrendo em várias Universidades. Para os cursos de administração, a socialização do saber amplo se faz cada vez mais necessário, já que se trata de um curso multidisciplinar por natureza, formado pelas mais diversas áreas de conhecimento, particularmente pelas denominadas ciências humanas e sociais.

No atual contexto, a Universidade não deve se limitar a encontrar pequenas respostas, mas sim a formular grandes e novas perguntas. A realidade do ensino, atualmente parece estar fundamentada numa organização fragmentada e desarticulada, em que os currículos são constituídos por compartimentos, produzindo uma formação insuficiente para o enfrentamento das práticas sociais que exigem formação mais crítica e competente.

Este caráter fragmentado e desarticulado tem origem numa exigência de formação dos indivíduos que a sociedade moderna, com suas formas de organização social, impôs às Instituições Educacionais, inclusive às Universidades.

As mudanças que vem ocorrendo constantemente no capitalismo refletem-se em modificações no mundo do trabalho e nas organizações de ensino. As novas tecnologias, cada vez mais presentes, reorganizam as relações de trabalho e produção.

Isto significa dizer que o controle do tempo, a produção em série e a massificação do trabalho coletivo, que predominam nas relações sociais de produção durante muito tempo e que são a expressão de caráter fragmentado, alienador e desumanizador da organização do trabalho industrial, vêm convivendo com uma tendência de flexibilização nas formas organizativas.

Com as modificações no mundo do trabalho, o nível de qualificação exigida dos novos trabalhadores se altera. Os meios de produção querem agora trabalhadores mais qualificados, flexíveis e com nova base técnica e científica.

A divisão do trabalho industrial nos últimos tempos influenciou a organização curricular das Universidades. Pode-se entender que a reorganização do trabalho atual, com sua flexibilidade, está demandando fortemente uma nova reorganização dos currículos.

Ao se buscar uma compreensão mais aprofundada deste discurso perceber-se-á que os cursos e as universidades em si estão voltadas para uma formação profissionalizante, visando

atender essa demanda de mercado, deixando de lado uma educação mais ampla que enfatize o desenvolvimento total do indivíduo.

Mas será que a Universidade apenas está acompanhando as mudanças e necessidades da sociedade? Será que a Universidade não é a grande supridora de mão de obra qualificada para o mercado? Sua responsabilidade não vai além da produção e difusão do conhecimento?

São questões importantes e recorrentes em debates que envolvem os rumos da universidade, além de ser uma realidade que vem sendo discutida há muito tempo por grandes pensadores como Kant, Fichte, Schleiermacher, Newman, Jaspers dentre outros, que apóiam uma formação universalista e mais completa do homem, pelo menos em sua base de formação. Essa formação só se torna possível através das ciências humanas, principalmente da filosofia.

O artigo “Reforma da Educação Superior Brasileira”, publicado no portal do MEC (Ministério da Educação, 2011), revela a preocupação crescente em atender ao mercado, não, com profissionais especialistas conhecedores de uma determinada atividade e sim profissionais com características mais humanistas: como uma formação mais generalista, conhecedores de línguas e que saibam se relacionar trabalhando em grupo.

O artigo “cursos de graduação em administração: a necessidade de um novo enfoque”, de Reinert (2002) chama a atenção ao dizer que os currículos podem não estar mais correspondendo às expectativas, necessitando de mudanças. Os cursos de graduação, em especial os de administração possuem uma performance de alta especialização, entendida, neste caso, como focadas em disciplinas eminentemente técnicas e de formação profissionalizante.

Estas preocupações levantadas anteriormente apresentam a importância de se discutir a educação e a forma de ensino superior, principalmente a formação do administrador, sua carência humanística em prol do tecnicismo. Assim o objetivo deste trabalho é analisar os princípios da formação humanística e da especialista dentro do contexto da universidade, demonstrando a importância da coexistência de ambas para a formação do administrador.

Para esta análise utilizou-se de pesquisa bibliográfica em livros, artigos, e outras formas de literaturas relativas ao assunto em estudo. Segundo Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa bibliográfica é o levantamento da bibliografia publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. A principal finalidade é fazer com que o pesquisador interaja diretamente com o material escrito sobre um determinado assunto, auxiliando este na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações.

## **2 Humanismo**

Segundo Ferreira (1975), o humanismo é considerado uma doutrina, um movimento que cultuava as línguas e literaturas greco-latinas, que tem em seu objetivo a formação do espírito humano pela cultura literária ou científica.

O humanismo na concepção de Paviani e Dal Ri Junior (2000) objetiva o desenvolvimento das qualidades do homem, pregando que todas as pessoas têm dignidade e valor, devendo fazer jus ao respeito dos outros. O homem é o centro de seu estudo, e através desta concepção do mundo, pode-se considerar o humanismo a origem de todo o pensamento moderno.

Abrão (2004), explica que uma vez esvaziados, a polis e o homem, de seu significado político, a própria política deixa de ser um valor e a filosofia praticamente a abandona como tema de reflexão. Assim, a filosofia no período helenístico volta-se para a vida interior do homem, de qualquer homem, pois se afasta de sua realização na vida exterior, como animal político. Assim como o médico se ocupa das doenças e dos sofrimentos do corpo, ao filósofo cabe cuidar das doenças e dos sofrimentos da alma. A filosofia é assim a terapia das causas da infelicidade humana, por ser ela a fonte do saber universal e da formação do homem.

O humanismo é conhecido como movimento intelectual que germinou durante o século XIV e no final da Idade Média, segundo Paviani e Botomé (1993), e alcançou maturidade no Renascimento, que buscava construir uma nova imagem do mundo a partir da permanência de elementos do passado. É em nome do humanismo que o homem, mesmo temeroso, começa a separar-se da grande ordem do universo, para ser seu espectador privilegiado.

Nos últimos séculos da Idade Média, sobretudo nas cidades da Itália, ocorrera um notável crescimento da burguesia urbana. Nobres e burgueses enriquecidos adquiriram condições de dar à cultura um apoio antes exclusivo da igreja e dos grandes soberanos. Para Abrão (2004), a necessidade de conhecimentos que habilitassem os burgueses a gerir e multiplicar suas fortunas também os empurrava na direção da cultura. Os jovens de famílias ricas iam aos colégios, não com o interesse em conhecimentos especializados, mas sim em buscar boa formação cultural como saber conversar, ter bons modos, ser cortês, entre outros requisitos indispensáveis para que fossem recebidos na corte de famílias ricas e poderosas.

Deste modo, juntaram-se duas linhas com um mesmo fim: maior valorização da cultura e necessidade de uma educação mais prática do que a teologia medieval podia oferecer. O programa de estudos, orientados para facilitar conhecimentos profissionais e atitudes mundanas compreendida a leitura de autores antigos e o estudo da Gramática, da Retórica, da História e da Filosofia Moral. Para Gallie:

“(...) postulava-se, de modo geral sem discussão, que um jovem que tivesse aprendido a escrever em elegantes versos ou cortante prosa nas duas línguas clássicas – grego e latim – e possuísse conhecimento particularizado de dois importantes períodos da civilização pré-cristã e de algumas doutrinas de Platão, Aristóteles, Kant e Mill, estaria qualificado para começar sua carreira como administrador, político, diplomata, crítico social ou educador”. (Gallie apud Teixeira, 1964, p. 29)

Para Aristóteles, “o conhecimento do ser é imprescindível para fornecer bases sólidas às ciências (física, astronomia, biologia etc.), que se ocupam de aspectos particulares da realidade”. (ABRÃO, 2004, p 61). Através desse conhecimento as ciências se unificaram em um todo coerente sem o que só haveria explicações particulares de coisas particulares.

A partir do século XV, deu-se a esses cursos o nome de *Studia Humanitatis* ou “humanidades”. Segundo Abrão (2004), os que ministravam tais cursos ficaram conhecidos como humanistas. No Renascimento, para o mesmo autor, o humanismo representou também uma ideologia que, sem deixar de aceitar a existência de Deus, partilhava muitas das atitudes intelectuais e existenciais do mundo antigo integradas com as contínuas descobertas sobre a natureza e as novas condições de vida geradas pelo auge do comércio e da burguesia mercantil.

Inicialmente era o celeste que dava sentido ao terrestre; para os humanistas, ao contrário, seria o terrestre que daria sentido – um sentido novo ao celeste. A partir desta concepção, para Sicacca (1962), na terra o homem seria, destronado do centro do universo junto com seu planeta, que mediria o celeste; e o faria segundo sua própria proporção. O corpo humano passou a ser a unidade com que se comparavam as coisas naturais e assim se tornou certa a máxima do sofista grego Protágoras: “o homem é a medida de todas as coisas”.

Sartre (1978), descreve que enquanto na Itália o humanismo foi, antes de tudo, artístico e filosófico, no centro e norte da Europa apresentou-se com um pensamento religioso muito acentuado. Com o tempo, o humanismo degenerou num culto puramente lingüístico e formal da antiguidade, voltado para uma erudição que carecia de vitalidade criadora. Desde meados do século XVI, se tornara pedante, expressava conhecimento que, muitas vezes, nem possuía, um conhecimento livresco.

As guerras que assolaram a Europa após a Reforma contribuíram igualmente para enfraquecer os ideais humanistas de harmonia natural e social. Contudo, para Abrão (2004), a noção de racionalidade e a nova visão do mundo difundida pelo humanismo sobreviveram nos pensadores racionalistas e empiristas que formaram a base do pensamento iluminista.

Para Basbaum (1981), o humanismo também estuda valores considerados essencialmente humanos, estudo das humanidades, um sentido mais helenístico que se refere à história, retórica, poesia, gramática e filosofia. Nesse sentido, mais técnico, o humanismo compõe-se basicamente da gramática e da filosofia das línguas antigas, imitando depois as artes e literaturas antigas.

Segundo Sartor (2002, p. 141), no mundo contemporâneo “o humanismo tem explicitado a possibilidade de o homem tomar suas próprias decisões numa economia que parece dominar o mundo da política, tal qual hoje as finanças regem o destino da humanidade e das gerações futuras”. Isso constitui um reducionismo a vida humana, por ela deixar-se guiar por fenômenos econômicos, onde a formação das pessoas fica submetida às diretrizes do mercado, ao invés dos da vida.

### **3 Universidade e humanismo**

A finalidade da universidade para Ortega y Gasset, citados por Tobias (1969), é a ministração do ensino superior, para formar o homem de modo que ele não se torne um bárbaro. Dessa forma, a definição de universidade fica sendo como a de instituição que ensina o estudante a ser homem culto e bom profissional.

Maritain, citado por Tobias (1969), diz que a universidade é o lugar do saber universal e que deve primeiro ministrar esse conhecimento universal e, posteriormente, o conhecimento especializado.

Segundo a feminista Camille Paglia (2006), uma das intelectuais mais influentes dos Estados Unidos, “o pensamento independente foi universalmente silenciado ou isolado. A educação universitária está cada vez mais estéril por causa da autodestruição das ciências humanas”.

A educação humanista para Sartor (2002, p. 146), “consiste em salvaguardar o saber e, por isso mesmo, defender o homem do abuso da técnica, bem como do uso inescrupuloso pelo inculto”.

A formação vai muito mais além do que a preparação técnico-científica, conforme Freire (1996). Segundo o autor, infelizmente o que é válido atualmente é o “pragmatismo” pedagógico, ou seja, o treino técnico-científico, fundamentalmente voltado para a ditadura do mercado.

Freire (1996), afirma que o progresso científico e tecnológico que não responder fundamentalmente aos interesses humanos, às necessidades de nossa existência, perde a significação. Esse avanço tecnológico haveria de corresponder a formação de homens e mulheres, a fim de que estes tenham uma vida mais plena. Freire (1996, p. 143) ainda afirma que um “caráter desesperançoso, fatalista, antiutópico de uma tal ideologia em que se forja uma educação friamente tecnicista e se requer um educador exímio na tarefa de acomodação ao mundo e não na de sua transformação”. O que se vê, portanto, é um educador com pouco de formador e muito de treinador e transferidor de saberes.

O problema da formação especializada pode ter origem na compartimentalização do conhecimento onde as disciplinas transformaram-se em um reduto de entendidos quanto à produção de conhecimento. Para Paviani e Botomé (1993), alguns critérios políticos e administrativos mostram-se desvirtuados de suas funções, parecendo estarem substituindo os critérios científicos, epistemológicos, educacionais e profissionais, quando deveriam ser auxiliares e complementares.

Segundo Tobias (1969), a universidade passou a viver para a sociedade em função do progresso e da modernização, participando cada vez mais e ativamente em projetos governamentais e comerciais. Sua finalidade, que antes era a busca da verdade, passa a ser a sociedade, com o ideal de formar o homem de organização. No entanto, a prestação de serviços e servir à comunidade, deveriam ser finalidades derivadas e secundárias da universidade, que deveria manter a busca da verdade como finalidade primeira. Esses erros sobre a finalidade da universidade são explicados por Tobias (1969), a seguir:

- O profissionalismo: muito discutido e combatido por muitos pensadores, que são contrários à idéia da formação de uma profissão, muitas vezes rendosa, como sendo a finalidade primeira da universidade e não a busca pela verdade;
- O tecnicismo: do mesmo modo como o profissionalismo, a universidade não deve formar técnicos, treinados para exercer determinada função; isto poderia ser adquirido com a experiência após a universidade;
- A departamentalização: com ela a universidade isola-se, regredindo muitas vezes às faculdades isoladas, prejudicando a busca pelo conhecimento;
- A docência: muito importante para a divulgação, transmissão dos saberes, da verdade que é realmente a principal finalidade;
- A moralização: a educação moral, por mais que seja boa, deve ser ministrada por outra instituição e não pelo templo do saber;
- O nacionalismo espúrio ou o regionalismo barato: perigoso dentro da universidade, já que ela é cosmopolita e universalista, não deve possuir limites ou inclinações regionalistas;
- Ministrar “cultura geral”: a cultura geral verdadeira é aquela que provem em especial da filosofia e não a proveniente de ensinamentos que negam esse fato;
- Pesquisa ou investigação: a investigação é a que confunde mais com a finalidade primordial da universidade, não que ela não seja, só que depois do conhecimento da verdade é que vem a investigação;
- A sociedade: através da busca pela verdade é que a sociedade deveria ser beneficiada pela universidade.

Estas podem não ser as finalidades principais da Universidade, mas isso não quer dizer que não façam parte da sua finalidade como fins intermediários. Desta forma, só o conhecimento da verdade não causa Universidade. A junção de suas derivações é necessária para que esta ocorra. “A causa, portanto, da universidade é a sociedade que, pela investigação e docência, se ordena à verdade”. (TOBIAS, 1969, p. 213).

#### **4 Super Especialização versus Humanismo**

As organizações estão integrando o mundo inteiro em um todo interdependente, globalizado, de forma que não só a matéria-prima, mas também os conhecimentos estão se tornando propriedade comum a todos os homens. As antigas funções das famílias cedem lugar às funções industriais, que agora utilizam membros da família como meio de alcançar suas finalidades de produção.

Referindo-se ao processo de trabalho, Braverman (1974), diz que o trabalhador era o senhor de um acervo de conhecimento tradicional e também dos métodos e dos procedimentos de fabricação. Dessa forma, ocorria uma divisão social do trabalho, onde cada trabalhador era o possuidor do conhecimento acumulado de materiais e práticas pela qual a produção era realizada, como o oleiro, ferreiro, carpinteiro, padeiro, sapateiro entre tantos outros. Mas que hoje, segundo o autor, isso não mais ocorre, fazendo com que os trabalhadores, tenham dificuldades para acompanhar qualquer processo completo de produção.

A especialização do trabalhador significa uma desqualificação do mesmo, segundo Reinert (1981), já que o trabalhador passa a exercer, muitas vezes, uma única tarefa de forma

exaustiva, monótona e repetitiva, bloqueando o controle e a criatividade que possa existir na sua atividade.

Para Teixeira (1930), a superespecialização na indústria, faz com que o trabalho passe a ser uma simples tarefa, fazendo com que o trabalhador sinta-se como uma simples “peça da máquina” não havendo lugar para pensar, nem mesmo para saber se o que está fazendo vale a pena.

A capacitação profissional não é recente e nem produto da era industrial, segundo a Universidade Federal de Santa Catarina (2011) (indicação nº 07/97-CNE, de 03 de outubro de 1997), desde a Idade Média existe a especialização, onde os artesões se juntavam em forma de associações onde trabalhavam e ensinavam. Com o passar do tempo, as escolas, incluindo as universidades, em vários países, voltaram-se à preparação de jovens para o preenchimento de vagas na administração e no comércio.

Dessa forma, as universidades se distanciam cada vez mais do objetivo para o qual foram criadas, contribuindo para um ensino cada vez mais voltado para as necessidades do mercado.

A especialização e a superespecialização fazem parte do cenário atual das universidades, que estão cada vez mais buscando atender às necessidades de profissionais para o mercado de trabalho. Essa formação “fechada”, no entanto, centrada no tecnicismo e no profissionalismo, pode não estar atendendo as necessidades das organizações e nem mesmo dos profissionais até mesmo sem que eles o saibam.

Mesmo admitindo a formação mais profissionalizante, Linsingen (2005), afirma que as instituições de ensino superior deveriam, por respeito aos objetivos sociais e institucionais, orientar a formação para amplos setores da sociedade, não podendo limitar o campo de atuação desses profissionais, embora implicitamente, as especialidades já o façam.

Cria-se a necessidade de uma formação que privilegie aspectos multifacetados do conhecimento especializado e também aspectos de formação geral. A formação não pode ficar restrita ou presa a uma orientação específica.

A especialidade deve ser tratada como parte de uma totalidade e não pode ser vista como fora dela. Segundo Bazzo (1998), este processo é difícil de ser realizado e deve ser feito por meio de uma formação que privilegie o tratamento interdisciplinar da especialidade e uma formação disciplinar com conteúdos de humanidades.

A superespecialização dos estudantes poderia gerar problemas sociais, cegando o profissional para qualquer consideração que ultrapasse o âmbito de suas competências técnicas. Um profissional especialista irá se comportar em todas as questões que ignora, conforme Sartor (2004), não como um ignorante e sim como um sábio petulante no assunto, mais precisamente um inculto.

Coelho (2011), alerta que “confundir formação profissional com preparação do estudante para o desempenho de determinadas atividades é empobrecê-lo e assumir o caminho que, a curto e, sobretudo, médio e longo prazos, limita as possibilidades de colocação no mercado de trabalho”.

De acordo com Freire (1996, pg. 33), “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de mais fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador”. E ao referir-se a capacitação em torno dos saberes instrumentais, Freire argumenta que estes jamais podem prescindir a formação ética.

Um perfil ideal de profissional que as empresas necessitam, segundo Linsingen (2005), não privilegia apenas o conhecimento técnico específico, também uma boa capacidade de comunicação oral e escrita, de relacionamento, interatividade e criatividade.

O profissional generalista ganha cada vez mais espaço no mundo do trabalho por saber um pouco de cada área, ter conhecimento geral, ser versátil e por adaptar-se facilmente às mudanças. Ainda, segundo Linsingen (2005), o estudante deveria possuir uma formação geral,

com caráter conservador e transformador do sentir, pensar e agir humanamente, centrado em uma visão de sociedade que interage, que se globaliza sem perda de identidade e que opera de modo cada vez mais interconectado, ou integrado em rede.

Pode ser percebido que, apesar de uma tendência tecnicista do sistema de ensino-formação, a consideração de aspectos humanísticos torna-se cada vez mais considerável no discurso da formação do profissional, embora, não necessariamente, na prática.

Freire (1996), argumenta que o empresário moderno investe na formação tecnicista de seus operários, recusando neste caso, a “formação” completa, que envolve o saber técnico e científico, universalista e ética.

Mesmo em uma visão de mercado há autores como Aguiar (2005), que se refere à formação humanista como significando ter uma formação ampla, que vai muito além do conhecimento técnico e inclui sensibilidade, ética, preocupação social, gosto artístico, solidariedade e familiaridade com o mundo da cultura. Em seu artigo Aguiar, ainda diz que o mercado está em busca de pessoas com essa formação, porque elas são economicamente melhores, possuem melhores idéias e soluções, trabalham melhor, enriquecendo cada vez mais a organização.

Conhecimentos técnicos e profissionalizantes, com a formação humanista, completam o profissional moderno, que deve “ter uma visão global, generalista, holística, complementada com uma visão local, regional, afeita aos detalhes”. (AGUIAR, 2005, p 18)

Monteiro (2006), relaciona algumas características de um bom profissional: “precisa ser um bom usuário de informática, ter raciocínio lógico, ser socialmente responsável, tomador de decisão, dispor de forte base cultural e humanista, ser proativo e empreendedor”. Cada vez mais, fica evidente a importância do humanismo para a formação de um profissional.

Em resumo, de uma maneira geral, parece ficar cada vez mais evidente a importância do humanismo para a formação de um profissional, mesmo quando este aspecto é considerado por autores com uma forte ênfase no chamado mercado.

## **5 O ensino de administração**

O ensino de administração, no Brasil, está relacionado ao processo de desenvolvimento do país. Segundo Fischer (1985), origina-se através de um acordo da política de cooperação técnica entre Brasil e os Estados Unidos (EUA), no período de 1950 a 1960, que servia como instrumento de capacitação de recursos humanos. Essa política de cooperação iniciou-se antes desse período, quando os EUA ampliaram seu apoio aos países subdesenvolvidos, após a segunda guerra mundial.

Ainda segundo Fischer (1985), esse processo foi marcado por dois momentos histórico. O primeiro, pelo governo de Getúlio Vargas, que teve um caráter nacionalista. O segundo, pelo governo Juscelino Kubitschek, com caráter internacionalista. Neste último período, o processo de industrialização se acentuou, sobretudo devido à importação de tecnologia norte-americana.

A regulamentação desta atividade ocorreu na metade da década de 60, pela Lei nº 4.769, de 09 de setembro de 1965. A presente Lei, no seu artigo 3º, afirma que o exercício da profissão de Técnico em Administração é privativo dos Bacharéis em Administração Pública ou de empresas, diplomados no Brasil, em cursos regulares de ensino superior, oficial, oficializado ou reconhecido, cujo currículo seja fixado pelo Conselho Federal de Educação, nos termos da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação no Brasil. Isso veio ampliar um vasto campo de trabalho para a formação do administrador.

O Parecer 307, aprovado pelo Conselho Federal de Educação em 8 de julho de 1966, fixou o primeiro currículo mínimo do curso de Administração, institucionalizando assim a



profissão e formação de técnico em Administração. Esse currículo procurou agrupar matérias de cultura geral, matérias instrumentais e de formação profissional. Este currículo mínimo do curso de Administração, que habilita o exercício da profissão de Técnico de Administração, seria constituído das seguintes matérias: matemática; estatística; contabilidade; teoria econômica; economia brasileira; psicologia aplicada à administração; sociologia aplicada à administração; instituições de direito público e privado (incluindo noções de ética administrativas); legislação social; legislação tributária; teoria geral da administração; administração financeira e orçamento; administração de pessoal; administração de material.

Neste currículo mínimo, as matérias proporcionam uma formação especialista, tendo em vista que até a sociologia e psicologia, disciplinas humanas, não são vistas em seu “estado puro”, mas sim voltadas à administração. Para Reinert (2002, p.185), “cada disciplina deveria ser ministrada de modo a contemplar seus fundamentos mais essenciais”.

Reinert (2002, p. 186), questiona “como pode ser possível aplicar uma teoria numa área da administração se as bases da mesma são completamente desconhecidas do aluno?”. Esse questionamento se faz em relação a disciplinas como “sociologia, psicologia ou economia, aplicada à administração” sem que antes o aluno tenha “contemplado seus fundamentos mais essenciais”.

Porém, as escolas possuem liberdade para desenvolver um outro tipo de formação, através do acréscimo de matérias específicas. Segundo o Parecer nº 307, “a atividade administrativa se caracteriza pela grande diversificação das operações, e pelo nível de especialização de cada um de seus ramos”.

A atividade administrativa é tão diversificada, que Reinert (2002), chama a atenção para a grande quantidade de autores, das mais diversas áreas de formação, que vêm escrevendo com grande êxito sobre a administração.

A pobreza epistemológica em que se encontra a administração decorre, para Sartor (2002), da ausência do componente humanista-filosófico na gestão de toda a organização. A ausência filosófica gerou um engessamento intelectual, com grandes perdas humanísticas, não só na administração, mas em quase todas as áreas do conhecimento humano.

Grande avanço foi obtido com a Resolução nº 4 de 13 de julho de 2005, que instituiu as diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Administração, que modificou a forma de ensino do bacharelado em administração, focando um ensino que privilegie a formação profissional, através de competências e habilidades.

Essa formação segundo a Resolução é possível através de uma nova organização curricular e adequação dos projetos pedagógicos, que devem contemplar conteúdos e campos de formação como:

Esse engessamento proporcionado para os cursos de administração faz com que todos os cursos do País tenham características em comum, não respeitando as regiões, culturas, mercado e economia de onde estão inseridos.

I - Conteúdos de Formação Básica: relacionados com estudos antropológicos, sociológicos, filosóficos, psicológicos, ético-profissionais, políticos, comportamentais, econômicos e contábeis, bem como os relacionados com as tecnologias da comunicação e da informação e das ciências jurídicas;

II - Conteúdos de Formação Profissional: relacionados com as áreas específicas, envolvendo teorias da administração e das organizações e a administração de recursos humanos, mercado e marketing, materiais, produção e logística, financeira e orçamentária, sistemas de informações, planejamento estratégico e serviços;

III - Conteúdos de Estudos Quantitativos e suas Tecnologias: abrangendo pesquisa operacional, teoria dos jogos, modelos matemáticos e estatísticos e aplicação de tecnologias que contribuam para a definição e utilização de estratégias e procedimentos inerentes à administração; e

IV - Conteúdos de Formação Complementar: estudos opcionais de caráter transversal e interdisciplinar para o enriquecimento do perfil do formando.

Porém, pode-se perceber que ainda estamos distantes quanto a teoria e a prática do ensinar, já que os cursos ainda se adequam a exigências do Ministério da Educação e de Leis, que fazem com que os mesmos percam e deixem de criar suas particularidades de ensino.

A própria resolução demonstra este entendimento quando diz que os cursos de administração deverão contemplar conteúdos que revelem inter-relações com a realidade nacional e internacional.

Como contemplar uma realidade nacional, sendo que esta mesma é fragmentada em regiões tão particulares, economicamente, cultural, educacional, entre tantas outras diferenças, que acabam sendo afetada e prejudicada pelo singularismo pregado pelos órgãos reguladores do curso de administração?

## 6 Considerações finais

O tema em questão não é novo, o conhecimento técnico não é discutível, é importante, mas não sozinho, precisa ter uma base sólida para poder ser estruturado. Empresas, organizações, instituições de ensino, necessitam de profissionais que possuam muito mais que o conhecimento técnico, necessitam de formadores de opinião, com capacidade de comunicação oral e escrita, que saibam se relacionar e possuam grande capacidade criativa. Só que para isso é necessário destacar uma visão geral do conhecimento, que não seja enclausurada em currículos fechados e incomunicáveis.

Este trabalho procurou apresentar uma revisão teórica que discutisse a formação humanística e especialista do profissional que está saindo da universidade e entrando no mercado de trabalho. Ao se levantar uma questão tão importante para a universidade e sociedade, procurou-se instigar o debate através da comunidade acadêmica e por grandes pensadores, apresentando a preocupação de que o futuro da universidade e da formação por ela pretendida deve ser repensado, para que tenha continuidade em sua essência e não se desvirtue para atender necessidades diretas de outras instituições fora do meio acadêmico.

A universidade vem mudando ao longo dos tempos, e sua percepção de sociedade vem se modificando junto, antes a mesma saciava a demanda por conhecimento, hoje a mesma procura atender aos postos de trabalho mais distintos. Qual a dificuldade na coexistência entre a formação do ser e a formação profissional? Uma é complemento da outra, o bom profissional necessita ter uma visão holística do mundo, generalista do seu ambiente de atuação, porém apenas o técnico não desenvolve o espírito crítico e analítico, faz-se necessário o incentivo das humanidades dentro das universidades, para que estas não percam a sua essência em prol do mercado de trabalho.

## Referências

- ABRÃO, Bernadette Siqueira. **A história da filosofia**. São Paulo, Ed. Nova Cultural, 2004
- AGUIAR, Marli Maria. O que é necessário para o profissional moderno. In: **Revista liderança profissional**. Criciúma, n.8, 2005.
- BASBAUM, Leoncio. **Alienação e humanismo**. 4ª ed. São Paulo: Global, 1981.
- BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.
- BAZZO, W. A. **Ciência, tecnologia e sociedade e o contexto da educação tecnológica**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.

COELHO, Ildeu Moreira. **Graduação: rumos e perspectivas**. Disponível em: <[http://www.enecos.org.br/docs/graduacao\\_imoreira.doc](http://www.enecos.org.br/docs/graduacao_imoreira.doc)>. Acesso em: 05 de out. 2013.

FERREIRA, Aurélio B. H. P. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 1.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FISCHER, Tânia. **O ensino de administração pública no Brasil: da tutela estrangeira à autonomia necessária**. In: Reunião Nacional da ANPAD, Belo Horizonte. Ed. Da UFSC, Florianópolis – SC, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LINSINGEN, Irlan Von. **Novos modelos de produção e a formação do engenheiro: uma abordagem CTS**. Disponível em: <[http://www.emc.ufsc.br/~nepet/Artigos/Texto/Mod\\_Prod.htm](http://www.emc.ufsc.br/~nepet/Artigos/Texto/Mod_Prod.htm)>. Acesso em 22 de outubro de 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Editora Atlas, 1992.

MEC – **Ministério da Educação**. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br>>. Acesso em 08 de junho de 2014.

MONTEIRO, Carlos Antônio. Mudar ou estagnar? **Jornal UNISUL**, Tubarão, mar. 2006. n° 95. p. 6.

PAVIANI, Jayme.; DAL RI JUNIOR, Arno. **Globalização e humanismo latino**. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

PAVIANI, Jayme.; BOTOMÉ, Sílvio Paulo. **Interdisciplinaridade: Difusões conceituais e enganos acadêmicos**. Caxias do Sul: EDUCS, 1993.

REINERT, J. N. **Cursos de graduação em administração: a necessidade de um novo enfoque**. A gestão universitária em ambientes de mudanças na América do Sul. Blumenau: Nova Letra, 2002.

REINERT, J. N. **Os aspectos críticos da administração científica e o seu obsoletismo**. Florianópolis: Imprensa universitária da UFSC, 1981.

SARTOR, V. V. D. B. **Humanismo e dos compromissos intergeracionais**. Repensando as Organizações: da formação à participação. Florianópolis: Editora Fundação Boiteux, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo e um humanismo**. A imaginação. Questão de método. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SCIACCA, Michele Federico. **História da filosofia**/ Michele Federico Sciacca. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

TEIXEIRA, Anísio. **A universidade de ontem e de hoje**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.42, n.95, jul./set. 1964.

TEIXEIRA, Anísio. **Porque “Escola Nova”**. Boletim da Associação Bahiana de Educação. Salvador, n.1, 1930.

TOBIAS, José Antônio. **Universidade: humanismo ou técnica?** São Paulo. Ed. Herder, 1969.

UFSC. **Legislação Educacional**. Disponível em:

<[http://notes.ufsc.br/aplic/edulei.nsf/viewLegislacao\\_PorTipo](http://notes.ufsc.br/aplic/edulei.nsf/viewLegislacao_PorTipo)>. acesso em 15 de setembro de 2011.